

**O MÉTODO JOÃO DE DEUS E SUA DIFUSÃO:
O ENSINO DA LEITURA NA AGENDA POLÍTICA
FINISSECLAR PORTUGUESA**

**THE JOÃO DE DEUS METHOD AND ITS DIFFUSION:
THE TEACHING OF READING IN THE PORTUGUESE END-
OF-CENTURY POLITICAL AGENDA**

**EL MÉTODO JOÃO DE DEUS Y SU DIFUSIÓN:
LA ENSEÑANZA DE LA LECTURA EN LA AGENDA POLÍTICA
PORTUGUESA DE FIN DE SIGLO**

Roni Cleber de Menezes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8661-1328>

Resumo: O artigo propõe explorar as vinculações do método de ensino da leitura de João de Deus com a agenda política modernizadora encetada em Portugal no último quarto do Oitocentos, objetivando perscrutar as estratégias adotadas para sua difusão no reino e em outras partes do mundo atlântico de língua portuguesa, principalmente o Brasil, para isso sopesando as interrelações do criador do método com os grupos políticos e intelectuais portugueses associados à Geração de 70. Tanto aquelas vinculações quanto essas estratégias são estudadas como parte da mobilização de parcela das camadas letradas portuguesas que, encontrando no referido método uma plataforma de atuação que lhes auxiliasse em seus objetivos de intervenção política e cultural, fornecesse-lhes mais um dispositivo a fim de superar a percepção de decadência e/ou atraso que, no seu entender, era experimentada pela sociedade lusitana.

Palavras-chave: Método João de Deus. Ensino da leitura. Difusão de modelos pedagógicos. Geração de 70.

Abstract: The article proposes to explore the links between João de Deus' teaching method of reading and the modernizing political agenda set in motion in Portugal in the last quarter of the 19th century, aiming to scrutinize the strategies adopted for its dissemination in the kingdom and in other parts of the Portuguese-speaking Atlantic world, mainly Brazil, weighing the interrelationships between the creator of the method and the Portuguese political and intellectual groups associated with the Generation of 70. Both those links and these strategies are studied as part of the mobilization of a portion of the Portuguese literate strata that, finding method a platform for action that would help them in their political and cultural intervention objectives, provide them with yet another device in order to overcome the perception of decadence and/or backwardness that, in their opinion, was experienced by Portuguese society.

Keywords: João de Deus method. Reading teaching. Dissemination of pedagogical models. Generation of 70.

Resumen: El artículo se propone explorar los vínculos entre el método de enseñanza de la lectura de João de Deus y la agenda política modernizadora puesta en marcha en Portugal en el último cuarto del siglo XIX, con

el objetivo de examinar las estrategias adoptadas para su difusión en el reino y en otros partes del mundo atlántico de habla portuguesa, principalmente Brasil, ponderando las interrelaciones entre el creador del método y los grupos políticos e intelectuales portugueses asociados a la Generación del 70. Tanto esos vínculos como estas estrategias se estudian como parte de la movilización de una parte de los estratos alfabetizados portugueses que, encontrando en el método una plataforma de acción que les ayude en sus objetivos de intervención política y cultural, les proporcione un dispositivo más para superar la percepción de decadencia y/o atraso que, en su opinión, , lo vivió la sociedad portuguesa.

Palabras-clave: Método João de Deus. Enseñanza de la lectura. Difusión de modelos pedagógicos. Generación de 70.

A GERAÇÃO DE 70 PORTUGUESA E O MÉTODO DE ENSINO DE JOÃO DE DEUS

Os debates entre os membros da Geração de 70¹ portuguesa, afora disputas internas aos campos literário, estético e político, resultaram em novas abordagens, de modo amplificado, a respeito da estagnação material e intelectual do país na comparação com o rumo tomado pelo avanço das artes e ciências noutras partes do globo nas décadas da segunda metade do século XIX, especialmente em partes da Europa central e setentrional, abordagens que lograram reforçar as representações de atraso ou da decadência, as quais, em circunstâncias distintas, emergiram em variados momentos da história lusitana pelo menos desde meados do século XVIII. (BOTO, 1997)

O acompanhamento daqueles debates, associado à bibliografia a respeito da Geração de 70 no século XX, autoriza a percepção de que os elementos trazidos à baila pelos atores a ela associados não passaram despercebidos pelos contemporâneos. As diatribes

1 Conforme Moreira (2007), o itinerário que levou à consolidação do termo Geração de 70 para designar um movimento de agitação de ideias que se inicia em Portugal na década de 1860 só é concluído, fixando inequivocamente a expressão no dicionário da história intelectual, na década de 1940. A baliza inaugural remete a 1865, quando da eclosão da Questão Coimbrã, polêmica literária que opõe um grupo de jovens estudantes da Universidade de Coimbra, liderados por Antero de Quental, ao já consagrado escritor português (e também autor de uma importante cartilha de aprendizagem da leitura e escrita - *o Método Castilho para o ensino rápido e agradável do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever*) António Feliciano de Castilho; no entanto, a “certidão de nascimento”, para usar a expressão de Medina (1975), deu-se em 1871 com a organização das Conferências Democráticas do Casino. Embora não exclusiva, já que convive com a noção de “escola”, a noção de geração, em que novas ideias literárias, estéticas, filológicas, políticas e sociológicas (num sentido avant la lettre) passam a matizar a atuação pública de um escol de jovens literatos, publicistas e homens de saberes do Portugal finissecular, ganha força como designativa da discrepância entre a “consciência” intelectual que animava importantes parcelas dos estratos letrados da época em relação ao período imediatamente anterior. Ainda assim, conforme Moreira (2007), seria apenas a partir da década de 1920 que o termo Geração de 70 irrompeu explicitamente, na pena de Castelo Branco Chaves (escritor, tradutor e editor), António Sardinha (político, ensaísta, historiador e poeta) e Manuel da Silva Gaio (poeta e ensaísta). A historiografia, a partir da década de 1940, é que consolida o nome Geração de 70, como termo que engloba os desideratos e ações de renovação intelectual, estética e política que mobilizaram o cenário português das últimas décadas do século XIX. O rol dos atores que dela teriam participado é controverso, pois dependendo dos eventos ou temporalidades selecionadas o quadro será diferente. Todavia, para os limites deste artigo, ao se referir ao coletivo Geração de 70, as personalidades destacadas abarcam as figuras de Antero de Quental, Eça de Queirós, João Pedro de Oliveira Martins, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Francisco Adolpho Coelho, Jaime Batalha Reis, Francisco Manuel de Melo Breyner (Conde de Ficalho), Rafael Bordalo Pinheiro e Guilherme de Azevedo.

entabuladas, em grande medida inerentes primordialmente aos domínios literários, estéticos e da história, extrapolaram tais dimensões, assumindo uma feição que foi marcadamente de cunho intelectual, mas outrossim de jaez político, social e cultural. Nada obstante, embora a Geração de 70 tenha apresentado elementos passíveis de serem aglutinados a partir de um dístico renovador, seus membros divergiram bastante quanto à natureza e abrangência de tal renovação.

Dentre as divergências mais notáveis figura aquela que envolve Antero de Quental e Teófilo Braga. Ambos nascidos em Ponta Delgada, arquipélago dos Açores, os escritores seguiram rotas razoavelmente díspares ao longo de suas vidas, especialmente depois de 1871. Braga, ativo prosélito positivista e republicano, entra em colisão com Antero pouco tempo depois de concluírem o curso superior em Coimbra. Antero vem a se tornar uma espécie de líder “espiritual” da *nova geração* (BOTO, 1997): eloquente, passa a captar as atenções, angariando a simpatia dos jovens intelectuais insatisfeitos com o modelo *coimbrão*.

Nos anos subsequentes, ainda que se possa identificar em sua trajetória literária, de publicista e de agitador político, social e cultural posicionamentos ambivalentes, Antero de Quental radicaliza sua crítica, adicionando às invectivas no terreno da política uma incisiva denúncia social, em que põe a nu a opressão de classe sofrida pelas camadas laborais do país. Em consonância com essa disposição, Antero elabora uma proposta de organização corporativa dos trabalhadores portugueses. Essa aproximação com o ideário socialista² o afasta de filiações dogmáticas do primado positivista, mantendo, porém, similaridades com os mais ortodoxos da corrente comteana, no que se refere ao lugar ocupado pela ciência como explicativa dos fenômenos naturais. Teófilo Braga, por seu turno, arrogando-se um dos paladinos da interpretação canônica positivista da filosofia da história em Portugal, procura, de certa forma, neutralizar a influência e o papel de Antero para o novo impulso que as ciências e as artes assumem em Portugal após a Questão Coimbrã, conquanto nem mesmo tenha participado das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, “embora tenha seu nome inserto no *Manifesto* dos participantes, provavelmente, conforme Saraiva (1995), por ação de Antero que o fizera contando com o consentimento de Teófilo.” (MENE-

2 Para Costa (2014) tal aproximação com o ideário socialista é caracterizado “por dinamismos inteiramente novos de matizes socioeconômicos, na circulação de novas ideias, e sobretudo pelas filosofias do devir de cariz marxista, proudhonianas e hegeliana, entre muitas outras.” (p. 58) Para o mesmo autor, a concepção de socialismo de Antero de Quental passa pelo reconhecimento do “valor ético do trabalho e do capital, (pel)a redistribuição da riqueza apagando de uma vez todas da face da terra a odiosa divisão de classes fundindo-as todas numa só, de trabalhadores livres e iguais onde não haja ricos e pobres, senhores e servos, governantes e governados, capitalistas e operários, mas todos os homens, debaixo do mesmo céu, e em face do trabalho justo e digno.” (p. 61) Contudo, o “socialismo (de Antero) não é propriamente revolucionário, ou seja, um socialismo que exija a luta de classes no sentido marxista do termo. (...) O programa político das classes trabalhadoras, segundo o socialismo, cifra(ria)-se numa só palavra: Abstenção, não votemos. Primeiro havia que deixar cair o velho mundo capitalista, depois lá estariam os trabalhadores com as suas energias para levantar um mundo melhor e mais justo. Por isso, se pode considerar Antero de Quental mais um reformista e menos um revolucionário.” (p. 61)

ZES, 2011, p. 41) No terreno da etnografia³, campo desenvolvido por Braga em Portugal, interessado que estava em definir “a origem do português”, as discrepâncias entre os autores açorianos restaram mais visíveis. Mota (1998) capta tais diferenças, acrescentando também as assimetrias que se assinalavam entre Teófilo Braga e Oliveira Martins quanto ao “espírito que animava o português” e as perspectivas, a partir daí, para o progresso, material, social e intelectual da coletividade lusitana:

Para Teófilo Braga o rumo era claro: a valorização da cultura popular e do glorioso passado português seriam os instrumentos de uma regeneração nacional, sob a liderança do Partido Republicano. (...) Tem-se aí, então, em 1880, o Centenário de Camões, com seu desfile cívico, a criar essa comunhão entre o presente e o passado. Enquanto, pois, Oliveira Martins falava de um ser orgânico e moral debilitado, de uma sociedade sem vontade e sem energia, e Antero de Quental, de um país de espectros, de um mundo agonizante afetado de atonia, Teófilo Braga elevava o moral de seus leitores, afirmando que o povo português não podia ser responsabilizado por desmandos que eram exclusivamente da Casa de Bragança. (MOTA, 1998, p. 208)

Ao mesmo tempo que as idiossincrasias os afastava de modo notável, além de certa visão de ciência, a deferência dispensada a João de Deus⁴ e a apreciação acerca de sua importância nos domínios da literatura e da pedagogia constituíram um traço comum que atou Antero de Quental a Teófilo Braga. De um lado, como já apontado, ambos desferem o ataque a António Feliciano de Castilho – criador do “Método Castilho para o ensino rápido e agradável do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever” – e ao ultrarromantismo. De outro, e Castilho ainda aqui é protagonista, ambos comungaram da crença na capacidade vivificadora da pedagogia de João de Deus. Antero reconhece uma direção estética e moral na personalidade do poeta de São Bartolomeu de Messines (embora no quesito moral não tenha sido superior àquela que exerceu sobre ele Alexandre Herculano) e, pelo prestígio alcançado nos meios letrados da época, conseqüentemente, com seus elogios a João de Deus, legitima a poesia deste. Quanto a Teófilo Braga, além dos seguidos escritos apologéticos sobre João de Deus, ainda organiza uma publicação do poeta algarvio⁵ e

3 Para Sá (1978), foram os trabalhos de Teófilo Braga no campo da etnografia e da história da literatura, conjuntamente com sua entrada para a Escola Superior de Letras de Lisboa, em 1872, que marcaram o “início da aceitabilidade oficial dos ideais de renovação científica e pedagógica que no ano anterior haviam sido apreçados pelas Conferências Democráticas do Casino.” (p. 50)

4 Poeta e pedagogista português nascido em 1830 em São Bartolomeu de Messines, Algarve, sul de Portugal. Reconhecido como um dos grandes poetas líricos portugueses do século XIX, João de Deus também passou à posteridade como autor de obras pedagógicas, das quais se destaca sua *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, publicada originalmente em 1876 (com várias reedições) e um dos compêndios escolares de maior abrangência e perenidade, não só em Portugal, bem como em outros territórios de língua portuguesa.

5 Trata-se de *Campo de Flores*, coletânea completa das poesias líricas de João de Deus publicada em 1893 sob a organização de Teófilo Braga.

produz, após sua morte (ocorrida em 1896), um esboço biográfico sobre sua trajetória e relevância para as artes e ciências pedagógicas portuguesas.

Retornando às preocupações da Geração de 70 portuguesa, percebe-se que a esfera educacional não permaneceu estranha às suas preocupações. É correto afirmar que a reforma dos esquemas mentais da vida nacional, um dos pilares sobre o qual se assentava sua crítica reformuladora, passava, fundamentalmente, pela realização de um amplo processo de educação e de acesso à informação. Também é lícito considerar que tal conteúdo propositivo se apoiava sobre um diagnóstico bastante acerto quanto ao estágio em que se encontrava a instrução no país e quanto aos métodos e procedimentos que a orientavam. Ao lado da percepção da inadequação do regime monárquico e da rejeição à produção e ao consumo de uma literatura considerada ultrapassada, o diagnóstico dos componentes da Geração de 70 apontava para um amplo descrédito em relação aos modelos arcaicos de pensamento e de ensino que se praticavam em Portugal na segunda metade do século XIX, a começar por aqueles que informavam os cursos superiores da Universidade de Coimbra. Essa concepção acerca da inadequação do ensino vigente no país face às necessidades de melhoramento do nível intelectual da sociedade portuguesa transpareceu no variegado leque de produções literárias e intervenções que os integrantes da Geração de 70 realizaram. Tal aparece na poesia e nos textos políticos de Antero de Quental, nos escritos de história e economia política de Oliveira Martins, na prosa de Eça de Queirós, na crônica da vida quotidiana de Eça e Ramalho Ortigão (“As Farpas”), na caricatura política confeccionada por Rafael Bordalo Pinheiro e, extremamente relevante nessa lista, nas conferências públicas, como foi a célebre de Francisco Adolfo Coelho em 1871 por ocasião das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense⁶, intitulada Questões de Ensino, a quinta e última dessas intervenções. Segundo Fernandes (1978), a sessão levada a efeito por Francisco Adolfo Coelho “motivou a indignação do mandarinato universitário, tendo a polícia a denunciado ao governo. Essa conferência e as de Antero motivaram explicitamen-

6 As Conferências Democráticas do Casino Lisbonense foram um conjunto de palestras proferidas entre maio e junho de 1871 numa sala do casino localizado no Largo da Abegoaria, em Lisboa. Originalmente programadas para serem dez, realizaram-se apenas cinco, em virtude de sua suspensão ordenada pelo Marquês d’Ávila e Bolama, que à época presidia o gabinete ministerial durante o reinado de D. Luís I. Subscreveram o programa Oliveira Martins, Adolfo Coelho, Antero de Quental, Augusto Soromenho, Augusto Fuschini, Eça de Queirós, Germano Vieira de Meireles, Guilherme de Azevedo, Jaime Batalha Reis, Manuel de Arriaga e Teófilo Braga (de acordo com Saraiva [1995], Antero de Quental assinou o referido programa por Teófilo Braga sem o consultar). Tal programa, aliás, tem sido frequentemente considerado pela historiografia como uma espécie de “Manifesto” da Geração de 70, na medida em que nele se encontrava “a diretriz que norteava suas ideias e suas ações: a modernização do país. Mobilizados pelo impacto dos últimos acontecimentos em Paris - a Comuna instaurada em março daquele ano e que viria a ser esmagada na mesma semana em que se iniciavam as Conferências - os autores do Programa/Manifesto expõem claramente seus objetivos: ligar Portugal ao movimento moderno, fazendo-o, assim, ‘nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada’ e ‘estudar as condições da transformação política, econômica, e religiosa da sociedade portuguesa’ (QUENTAL, Antero. *Prosas sociopolíticas*. Publicadas e apresentadas por Joel Serrão. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1982, p. 253-254).” (MOTA, 2023, p. 17-18)

te a tão célebre quanto escandalosa portaria de supressão assinada pelo duque d'Ávila e Bolama". (FERNANDES, 1978, p. 121-122)

Embora não se possa asseverar estritamente que o método de ensino da leitura criado por João de Deus seja parte direta da "obra" reformuladora da Geração de 70 e, ao fim e ao cabo, nem que o próprio poeta figure como um de seus integrantes nas definições dela feitas pela bibliografia, é fato que João de Deus, pela proeminência já alcançada no limiar da década de 1870 nos círculos culturais lusitanos em razão de sua obra poética, manteve diálogos com representantes da Geração de 70, podendo-se sublinhar notadamente Antero de Quental, que muito apreciava João de Deus e seu lirismo, devendo-se a Antero a afirmação de que "João de Deus recuperara os luminosos dias do soneto na língua portuguesa, modalidade poética mantida na mediocridade desde Camões" (MENEZES, 2011, p. 19). Mas, efetivamente, o que no método de João de Deus, consubstanciado em sua "Cartilha Maternal ou Arte de Leitura", aproximava-o das aspirações de *aggiornamento* dos membros da nova geração?

O MÉTODO DE JOÃO DE DEUS E OS ANSEIOS DE RENOVAÇÃO INTELECTUAL

Com a data de 1876 estampada na capa, mas realmente publicada no início de 1877, somente alguns anos, portanto, depois do desfecho dramático das Conferências Democráticas do Casino, a Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, compêndio no qual o método João de Deus era explicitado, representou, ainda que não deliberadamente, a materialização das propostas no campo da instrução elementar brandidas pela Geração de 70 portuguesa. O método alcançou rápido sucesso em Portugal, onde passou a ser ensinado com a ajuda das Escolas Móveis de Ensino pelo Método João de Deus, instituição criada e mantida por indivíduos com vínculos com a maçonaria e o movimento republicano. Além disso, conquanto nunca tenha conseguido a adoção oficial do método nas escolas do país, sua obra pedagógica recebeu raro reconhecimento em 1888, quando João de Deus foi nomeado Comissário Geral do Método de Leitura Cartilha Maternal pelas Cortes reunidas em Lisboa. Muito antes disso, o poeta e seus apoiadores já visualizavam a possibilidade de exportação do método para outras regiões do falar português. A notícia da existência da Cartilha Maternal é recebida quase instantaneamente no Brasil, dada a rede de relações que João de Deus possuía.

A história de sua confecção se inicia alguns anos antes. Em 1870 se tem notícia pela primeira vez da intenção de João de Deus em criar um método para ensinar a ler. O próprio João de Deus credits a origem da *Cartilha Maternal* a um convite do Sr. Rovere, gerente da Livraria e Editora Rolland, para que ele criasse um método de leitura adaptado à língua portuguesa. Todavia, pouco tempo depois, a Casa Rolland abriu falência.

Como já tive ocasião de dizer na Tribuna, fui convidado há uns sete anos, pelo Sr. Rovere, a compor uma cartilha. Não era justo aproveitar-me de trabalhos alheios, para lhes fazer concorrência, e por isso o meu propósito foi logo não tomar conhecimento de publicações análogas, limitando-me ao estudo do assunto. (*Resposta a Emydio Navarro*, por João de Deus. Publicado originalmente em *O Progresso*, Lisboa, dezembro de 1877. In: DEUS, João de. **A Cartilha Maternal e o Apostolado**. Lisboa, Viúva Bertrand & Cia, 1881, p. 18)

Para a consecução da empresa o poeta lírico foi ajudado, do ponto de vista prático, por seu irmão, o Pe. António Pedro José Ramos, e pelo também padre Cândido José Aires de Madureira, Abade de Arcozelo. Há uma versão, noticiada pelo jornal Província de São Paulo (PSP) e recolhida por Hilsdorf (1986, p. 128) (no que é seguida por Mortatti [2000, p. 59]), que aponta como uma das causas para o interesse de João de Deus criar um método de ensino a necessidade de alfabetizar sua primeira filha (Maria Isabel Battaglia Ramos, nascida a 19 de Dezembro de 1869), justificativa que se completava com sua convicção de que em Portugal, naquele tempo, não havia nenhum livro de leitura convenientemente capaz de ajudá-lo a cumprir a tarefa. Essa notícia da PSP colide com a informação prestada pelo próprio João de Deus e constante no livro *A Cartilha Maternal e o Apostolado* e em outras notas e esboços biográficos a respeito do poeta, de que ainda em 1870 ele recebera um convite do senhor Rovere, da Casa Rolland, para criar um método de leitura adaptado à língua portuguesa. Talvez à necessidade de alfabetização de Maria Isabel se adicionasse um quadro mais vasto de razões, como suas necessidades materiais, o real descontentamento com os abecedários usualmente empregados no ensino da leitura em Portugal, uma resposta às ações e reflexões em curso no país – especialmente levadas a cabo pelos homens de saberes da Geração de 70 – no que respeitava à precariedade da instrução elementar da população portuguesa (questão presente nos temas abrangidos pelas Conferências Democráticas do Casino e que mereceu a atenção de Adolfo Coelho e, em certa medida, de Antero de Quental, ao apontar os efeitos nefastos da perpetuação do ensino jesuítico sobre o ânimo do povo português), o despertar em João de Deus de um interesse por assuntos pedagógicos, porém, por várias razões, impedido até àquela altura de se concretizar.

Gomes (1977) afirma que antes de ser publicada a *Cartilha Maternal* já se davam lições pelo método João de Deus. Tanto o poeta quanto o Abade de Arcozelo já o faziam em outubro e dezembro de 1875 respectivamente, o primeiro em Lisboa e o segundo no Porto, com a ajuda do irmão do poeta, o Pe. António Pedro José Ramos. (Gomes, 1977, p. 164) Atestado pelo próprio João de Deus, quem primeiro ensaiou o método e o adotou em cursos públicos foi o abade⁷. Ainda em fevereiro de 1876 inaugurou-se na vila de Arcozelo, no município de Vila Nova de Gaia, a primeira escola pelo método João de Deus:

⁷ Carta de João de Deus ao Pe. Cândido J. Aires de Madureira (Abade de Arcozelo), datada de 3 de Março de 1877 e publicada no jornal *Actualidade* e em *A Cartilha Maternal e o Apostolado* (1881), p. 10.

Em 17 de Fevereiro o Abade escreveu ao poeta: “A Cartilha Maternal deve ter muita e rápida extracção. À vista dos resultados que vou colhendo, não posso deixar de ser seu apologista. Vai inaugurar-se a escola, com missa cantada e sermão. Espero que esta escola venha a ser modelo” (*Correspondência particular relativa ao método*. In: DEUS, 1889, Apêndice, p. 147)

Ainda conforme Gomes (1977), “juntamente com a Cartilha Maternal, própria para o ensino individual, foram publicados, respeitando o ensino simultâneo, quadros parietais e reprodução em ponto grande de todas as lições da cartilha”. (p. 158)

Responsável pela publicação das duas primeiras edições da Cartilha Maternal e “experimentador do método” em lições particulares e nas aulas que ministrara na escola aberta por ele na cidade do Porto, acredita-se que coube ao Abade de Arcozelo os desenvolvimentos relativos à parte propriamente pedagógica da cartilha. Diferentemente de João de Deus, e mesmo anteriormente à publicação da Cartilha Maternal, o abade pode ser considerado um experimentador pedagógico, interessado na pesquisa e desenvolvimento de propostas inovadoras.

Boa parte das relações de João de Deus, fundamentais para a concretização do projeto da cartilha e sua validação perante o público autorizado, estavam sediadas na cidade do Porto. Em primeiro lugar, a relação com o próprio Abade de Arcozelo, o qual pôs em prática o método e interveio na concepção do livro de leitura que se queria imprimir. Em segundo, João de Deus contou com o discurso de autoridade da escritora, filóloga e crítica literária Carolina Michaëlis de Vasconcelos, alemã casada com Joaquim Teixeira de Vasconcelos, figura importante na introdução em Portugal dos modernos estudos de filologia e, de um modo geral, também da cultura germânica. Michaëlis de Vasconcelos ajudou a neutralizar críticas dirigidas à Cartilha Maternal ao escrever três artigos n’ *O Ensino – Jornal do Colégio Portuense*, ano I (1877), números 2, 3 e 5, nos quais comparava o método de João de Deus com os que o antecederam. Embora para Gomes (1977, p. 169-170) Carolina Michaëlis não tenha publicado efetivamente um estudo comparativo, a filóloga teuto-lusitana foi um baluarte em favor de João de Deus, ao defendê-lo das acusações de que teria plagiado cartilhas alemãs para a confecção da sua. Tais acusações estavam particularmente ligadas ao tipo de letra usado pelo poeta algarvio (liso e lavrado), o qual os detratores da cartilha afirmavam ser próprio dos compêndios alemães. (Gomes, 1977, p. 170)

Não deixa de ser sintomático do reconhecimento quanto ao julgamento elogioso realizado por D. Carolina a respeito de seu método João de Deus inserir no frontispício da 13ª edição da cartilha a apreciação da distinta intelectual alemã junto à do grande historiador e monumento da inteligência nacional para os integrantes da Geração de 70, Alexandre Herculano, além do filólogo e pedagogo, profundo conhecedor da ciência e cultura germânicas, Adolfo Coelho.

...*solução nova*... (D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos).

...*utilíssima publicação*... (A. Herculano).

...o maior serviço que em Portugal se fez à infância até hoje... (Adolpho Coelho).
(DEUS, 1896, p. 1)

Uma carta de Carolina Michaëlis de Vasconcelos e de seu esposo Joaquim de Vasconcelos, enviada a João de Deus por ocasião do seu aniversário de 65 anos, em 1895, (quando o poeta recebe os cumprimentos e as saudações de caravanas de estudantes de Coimbra e outras cidades do país, da imprensa, de inúmeras personalidades das letras e da política lusitanas – até do monarca D. Carlos que o visita pessoalmente em sua casa no bairro da Estrela para lhe entregar a condecoração Grã-cruz de Santiago – enfim, quando é homenageado no Teatro Nacional D. Maria II, no que ficou conhecido como a *Apoteose* de João de Deus [DEUS, 1905, p. xxxi-xxxii]), realça bem a legitimação emprestada ao método pelo ilustre e acreditado casal portuense. Correlatamente a isso, sublinha-se a aguçada apreciação que ambos fizeram da realidade educacional portuguesa, acrescida de uma ponderação acerca da secundarização a que estaria sendo relegada a instrução no país, cujo exemplo era a pouca cobertura dada pela imprensa a respeito das iniciativas itinerantes da Associação de Escolas-Móveis pelo método de João de Deus.

Meu prezado amigo

São passadas as suas festas, que acompanhamos com o maior interesse! Vão longe os anos em que pugnamos pelo seu Método de leitura, mas o tempo nunca entrou em conta na apreciação que fazemos dos poucos, mas verdadeiros amigos com que ainda lidamos em Portugal. Hoje, como em 1878, continuamos fazendo os mais sinceros e ardentes votos pelo triunfo, final e completo, da sua ideia. Custa-nos a crer que aqueles que promoveram tão estrondosa festa não pensassem em assegurar no futuro a continuidade da ação do reformador, porque ainda que o amigo chegue aos cem anos – o que cordialmente lhe desejamos – duvido que possa encontrar uma escola em cada freguesia de Portugal, bem regida e suficientemente dotada. Um fundo de Subscrição Nacional permanente, cujas contas se poderiam fechar anualmente no dia do seu aniversário, seria um monumento duradouro. Não sei como andam presentemente os fundos das escolas dos cursos móveis, do seu método, cujo relatório logrei ler uma vez somente! – Pode ser que a minha lembrança esteja aí garantida, mas duvido!

De resto, a imprensa, tão faladora com toda a sorte de banalidades, pouco ou nada diz desses cursos.

Não poderiam, não deveriam ter esses cursos um órgão, ainda que fosse trimestral? Estas e outras ideias me passaram pela cabeça, quando lia a minha mulher as notícias da sua festa, e junto admirávamos o bom senso com que o amigo acolhia essa explosão de tardio aplauso!

Que Deus lhe conceda a si e a todos os seus longos anos de vida e de saúde para que os seus amigos lhe possam dar ou enviar um abraço, como hoje fazemos ambos, embora os nossos cheguem depois do dia 8.

Minha mulher congratula-se muito especialmente por o ver amorosamente cercado de quatro filhos, cujos retratos, ainda que imperfeitos, (no Século), dão os originais paterno e materno sob vários aspectos muito tocantes.

Portanto, vão também os nossos parabéns pelos filhos e para os filhos.

Porto, 16 de Março de 1895

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos
Joaquim de Vasconcelos
(DEUS, 1905, p. 479-81)

O reconhecimento das contribuições trazidas pelo método de João de Deus à renovação intelectual da sociedade portuguesa é invocado por expoentes da Geração de 70 em intersecção com sua produção no domínio da literatura. A interpretação, entabulada por pedagogistas de seu tempo, como Trindade Coelho (escritor, político republicano e autor de livros escolares), de que havia um divórcio considerável entre a obra literária e a pedagógica de João de Deus, divórcio esse representado, por um lado, pelo tom predominantemente etéreo das poesias líricas, e por outro pelo engajamento “nas coisas de seu tempo”, alusivo ao método de ensino da leitura, apaga algumas correspondências existentes entre essas duas dimensões da produção cultural do poeta português. Para Carolina de Michaëlis, o método de João de Deus poderia ser compreendido como “uma solução nova, poética, humana e, até certo ponto, científica” (In: O Ensino – Jornal do Colégio Portuense, ano I, n. 2, apud *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano X, Coimbra, 1976), o que aponta já para as conexões ou empréstimos realizados pela esfera poética do labor intelectual de João de Deus a favor de sua obra pedagógica. Tal análise não é, contudo, genuinamente nova. Os contemporâneos de João de Deus já salientavam a influência de seu lirismo na Cartilha Maternal. É provável, nada obstante, que tenha havido um recorte nas apreciações em relação à feição mais saliente da Arte de Leitura de João de Deus: embora não fosse regra, não somente a comunidade de pedagogistas, mas também setores da imprensa e letrados identificados com o positivismo, sublinhavam as inovações científicas trazidas pelo método de João de Deus. Em contrapartida, eram recorrentes as avaliações do método do autor de São Bartolomeu de Messines que destacavam seus aspectos “naturais”, puros etc., avaliações essas geralmente feitas por literatos e homens de letras não tão familiarizados com o *métier* pedagógico. Em resumo, não foram raras as representações da obra pedagógica de João de Deus que remetiam aos ideais de pureza que circularam nos meios intelectuais portugueses de fins dos Oitocentos. E mais, não se restringiram a Portugal, encontrando-se imagens semelhantes do João de Deus puro, bondoso, “natural”, em outros pontos da Europa.

Para Teófilo Braga, por exemplo, mesmo sem possuir e/ou invocar as novas teorias científicas, o poeta algarvio foi precursor da renovação da poesia portuguesa da segunda metade do século XIX por sintetizar a espontaneidade de expressão popular, aspecto que o distinguiu sobejamente da escola literária liderada por Castilho, sem conexão, na acepção de Braga, com o matiz “natural” das manifestações culturais populares lusitanas. Braga ajudou a reforçar a imagem de João de Deus como enunciador das coisas de sua terra, o Algarve, associando o caráter do poeta àquela que seria a identidade do extremo sul português: a profunda sensibilidade. Teófilo ressoa a intuitividade da poesia de João de Deus, o que nos faz indagar se esta mesma intuitividade não seria a base em que se assentou a Cartilha Maternal:

João de Deus não tinha um passado que o dirigisse, e só por um vago instinto de artista soube amar Camões sem separar-se do povo. As canções do *Campo de Flores* fazem-nos lembrar as mais deliciosas redondilhas de Camões e de Sá de Miranda, certas delicadezas das *Voltas* e *Esparsas* nos Cancioneiros palacianos, e demonstram bem o poder intuitivo que o levou a achar o veio aurífero perdido do nosso fecundo lirismo nacional. (BRAGA, 1905, p. xi)

Trindade Coelho, autor também de compêndios escolares, pronunciando-se do interior do campo pedagógico, provoca os pedagogistas portugueses, acusando-os de nutrir inveja em relação a João de Deus por aqueles não terem logrado “inventar” uma solução definitiva para a aquisição da leitura, fato alcançado justamente por um, *a priori*, estranho à esfera educacional, sem fundamentação psicológica e científica demonstrada de antemão. Pois, “*mutatis-mutandis*, se o método de leitura achado por João de Deus ensina a ler bem e depressa, que culpa tinha ele de o haver descoberto sem saber uma palavra de pedagogia?” (COELHO, 1897, p. xiii)

O mesmo autor acrescenta que, conquanto “produto abstrato da sua ideação (de João de Deus)”, o método não era isento dos princípios de racionalidade que devem reger um compêndio de ensino da leitura. Tais princípios estavam condensados na didática desenvolvida pelo poeta, classificando as réplicas e acusações dos adversários de João de Deus como anódinas e impotentes face à cristalina exposição e justificação racional que este expressou seus argumentos, o que teria levado os opositores do método, segundo seu juízo, a agressões chulas e de baixa categoria. (COELHO, 1897, p. xxii)

A legitimação obtida por João de Deus de alguns dos integrantes da Geração de 70 - e ainda dos estratos letrados portugueses identificados com as “novas ideias” de fim de século - torna factível compreender o método de ensino da leitura como ressonância harmônica no domínio da instrução das vozes que apregoavam a renovação intelectual, política, social, econômica e cultural portuguesa.

Teófilo Braga detecta uma verdadeira reviravolta na personalidade de João de Deus quando de sua incursão no terreno da pedagogia:

(...) o seu espírito apático tornou-se ativo; aquela natureza contemplativa mostrou-se armada das mais finas ironias que o fizeram invencível na polémica com que defendeu o seu método do assalto da rotina professoral. (BRAGA, 1905, p. xxviii)

O sucesso do método de ensino da leitura criado por João de Deus ajudou a que se criasse em torno do poeta uma aura de protetor da infância. De certa forma a iconografia de João de Deus reflete e alimenta tal interpretação, mostrando um indivíduo de feições nazarenas, quase uma espécie de Jesus Cristo moderno ou, nos dizeres de Valentim de Magalhães, assemelhado ao próprio Criador:

João de Deus fez mais que cantar a Natureza e o Amor – libertou a infância da gargalheira de treva a que, há séculos, a condenara a estupidez dos mestres. O alfabeto era como o Incrariado: tinha todos os elementos da vida, mas no estado de caos; João de Deus entrou nele com uma candeia acesa – a sua *Cartilha Maternal... et lux facta est.* (MAGALHÃES, 1905, p. 126)

Vivendo em Paris na segunda metade da década de 1890, quando da morte de João de Deus, o grande romancista Eça de Queirós repisa a ideia da profunda entrega de João de Deus à simplicidade e à sua lira poética. É notável que, anteriormente, Eça tenha regozijado com a criação do método de ensino da leitura de João de Deus, considerado por ele e por muitos da Geração de 70 como uma renovação nos procedimentos de alfabetização até então vigentes em Portugal. É crível, pois, que muitas tenham sido as interfaces entre as dimensões poética e pedagógica da obra de João de Deus. Parece que não incorrer-se-ia em equívoco ao pontuar que a ideia que presidiu a concepção da *Arte de Leitura* de João de Deus teve, como ponto de partida, o desenvolvimento da expressão de sua lírica, aplicada, num segundo momento, à linguagem. Pode-se até cogitar que teria sido exatamente essa inspiração lírica, calcada na espontaneidade, de caráter “natural”, que teria sido sopesada em termos de congruência com o primado científico que alguns dos homens de letras do seu tempo, em Portugal e no Brasil, creditaram ao método criado por João de Deus. Muitos dos defensores da *Arte de Leitura* de João de Deus, os quais, imbuídos de determinados dogmas positivistas, até alardeavam não apenas a racionalidade superior do método em relação a seus concorrentes, mas, sobretudo, associavam essa racionalidade a uma compreensão eminentemente científica da arte de ensino da leitura por parte do poeta. Ocorria aí, muito provavelmente, um exagero (ou uma derivação automática) do que João de Deus considera um *processo natural*, cuja marca mais definidora do rompimento com procedimentos arcaicos de ensino da leitura talvez consistisse no que o poeta compreendia como ajustar a técnica à natureza da criança, em bases mais intuitivas que teorizadas, muito próximo da forma como compunha sua poesia.

O PROBLEMA DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E A DIVULGAÇÃO DO MÉTODO E DA CARTILHA MATERNAL

Ao movimento de busca pela renovação intelectual, que se notabilizava, em grande medida, pela aproximação com a Europa transpirenaica, encontra-se, amiúde, uma reflexão produzida pela Geração de 70 portuguesa em consonância com as temáticas que animavam os homens de saberes brasileiros do período. A tentativa de se tornar “moderno” exigia, de um lado, uma releitura do processo histórico, a qual evidenciava – especialmente na chave de Antero de Quental e de parte de seus colegas lusitanas – a necessidade de reformulação do sistema intelectual português, a abertura para a ciência e a filosofia circulantes na França de Victor Hugo, Proudhon, Michelet, Taine ou às zonas de cultura germânica, com Hegel e Marx; de outro, essa exigência equivalia a impedir que se aumentasse a

distância dos níveis de progresso alcançados pelas principais potências colonizadoras do continente em relação a Portugal, daí o interesse despertado pela ocupação e desbravamento dos territórios africanos nos intelectuais lusitanos que se organizaram, juntamente com integrantes da Armada lusitana, para a criação da Sociedade de Geografia de Lisboa. Concomitante aos efeitos desses deslocamentos, João de Deus, identificado com boa parte das premissas dos intelectuais da Geração de 70, esboça um plano de propagação do método de ensino da leitura que criara para além das fronteiras do reino. O Brasil logo surge como um destino alvissareiro para a divulgação do método. Nesse sentido, o raciocínio aqui delineado é de que a *Cartilha Maternal* emerge como um artefato cultural elaborado sob o influxo do ideal de renovação postulado pela Geração de 70 e que, dada a proporção que toma no decorrer do séculos XIX e XX, com o envio de mensageiros especialmente habilitados por João de Deus para este fim, transforma-se numa ferramenta que interfere diretamente no debate decadência/atraso das sociedades portuguesa e brasileira, como uma maneira de superação de tais estágios por intermédio do aperfeiçoamento cultural de suas respectivas populações.

Ora, o que se percebe, pelo exame da documentação epistolar de João de Deus relativa ao método, documentação essa compilada e publicada em Deus (1877b; 1881 e 1897), e cruzada com o repertório conceitual esgrimido por membros da Geração de 70 portuguesa, mas, inclusive, por intelectuais brasileiros que comungavam de ideais ou possuíam afinidade pessoal e relações de amizade com aqueles membros, é que a difusão do método e da *Cartilha Maternal* ganha contornos específicos ao se deparar com os mecanismos de propaganda e validação de sua proficiência que são lançadas mão junto às instâncias, atores e espaços em que se procurou divulgá-los. O que nota é que houve uma mobilização de intelectuais e forças sociais que, encontrando no *método* de ensino e na proeminência alcançada por João de Deus uma plataforma de atuação que lhes auxiliasse em seu desiderato de intervenção política e social e que lhes propiciasse uma entrada para a atualização do debate acerca da decadência e para a formulação de propostas para a superação de tal condição.

A difusão do método não se desvincula do modo como seus divulgadores encetaram o projeto que pretendeu vulgarizá-lo e as conseqüentes batalhas pelo controle de sua apropriação. À parte os elementos peculiares associados à sua elaboração – os quais emergem num terreno dominado pelo debate pedagógico do período, em que se sublinham componentes como eficácia e rapidez – a configuração assumida pelo método João de Deus e pelo seu expoente material, a *Cartilha Maternal* ou *Arte de Leitura*, parece ser a de uma empresa literário-pedagógica, a qual carrega também em seu bojo, para além dos interesses de exploração comercial advinda da venda da cartilha, um objetivo mais amplo, vocacionado a atuar no estancamento do aludido processo de decadência das forças materiais e intelectuais lusitanas, diminuindo assim a distância que separava a pequena monarquia ibérica dos países mais adiantados do norte, centro e oeste da Europa. Os as-

pectos da propagação do método de João de Deus listados a seguir não se apresentaram divorciados: a concepção e a concretização do compêndio também responderam a fatores de ordem econômica, afinal o poeta algarvio via no empreendimento uma forma rentável de remuneração pelo seu trabalho intelectual, o que não exclui seu esforço por se imiscuir na questão do momento em Portugal naquelas décadas finais dos Oitocentos, o do ensino da leitura. Correlatamente, o mercado editorial (e especialmente o de livros escolares) ganhava corpo também no Brasil e os benefícios que se poderia auferir através da venda da Cartilha Maternal representaram um atrativo poderoso para sua penetração na ex-colônia portuguesa na América do Sul.

Embora nunca tenha saído de Portugal, João de Deus possuía uma rede de relações sociais e intelectuais bastante ampla no espaço de cultura da língua portuguesa. Além de contar com a ação proselitista levada a cabo pelo Visconde de Arcozelo e, logo depois, também com o de seus mensageiros Manuel de Portugal e Castro e António Zeferino Cândido, o poeta recebia várias cartas de professores e letrados brasileiros pedindo informações, auxílio e/ou relatando experiências de utilização do método de ensino. Paralelamente a esse fluxo, novamente reconhecemos o vigoroso trabalho desempenhado por João de Deus na recolha de informações, notas e artigos que saíam publicadas a seu respeito e acerca do método, no que provavelmente foi auxiliado pelos próprios veículos de imprensa e por amigos que encaminhavam o material a ele. Assim, com os olhos e ouvidos atentos ao que se passava do outro lado do Atlântico, João de Deus acompanhava os esforços de alfabetização das autoridades públicas brasileiras e, remetendo-se a um amigo⁸ que assumira importante cargo burocrático na província do Espírito Santo, aconselha-o:

Meu amigo.

Numa das folhas de Victoria escreves tu que enviando-mas bem mostras que te lembras de mim. Mas doutro modo te devias lembrar. Eu tenho um Methodo como

8 O amigo a quem se refere João de Deus na carta é José Joaquim Pessanha Póvoa (1836-1904), natural de São João da Barra, província fluminense. Pessanha Póvoa estudou na Academia de Direito de São Paulo na turma de 1860-1864. (Vampré, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo*. 2ª ed., 2 vols. Brasília: INL/CFC, 1977, *apud* Hilsdorf, 1986, p. 29) Amparada em Almeida Nogueira (*A Academia de Direito de São Paulo: Tradições e Reminiscências*. 3ª e 5ª séries. São Paulo, 1908, 3ª ed., 5 vols. São Paulo, Saraiva/S.C., 1977) Hilsdorf (1986) relata que Pessanha Póvoa e Francisco Rangel Pestana (também estudante da Academia de Direito de São Paulo, da turma de 1859-1863) eram “amigos inseparáveis”. (Almeida Nogueira, 1977, p. 284-286, *apud* Hilsdorf, 1986, p. 29). Ambos fizeram jornalismo estudantil e crítica literária durante os anos de Academia. (Hilsdorf, 1986, p. 29) Egresso da faculdade, Pessanha Póvoa prossegue suas atividades no campo do jornalismo e da crítica literária, fato que pode tê-lo levado a João de Deus. Porém, a hipótese que levantamos é a de que Pessanha Póvoa tenha estreitado relações com o poeta algarvio, a ponto de conhecê-lo pessoalmente, entre 1875 (data em que se estabelece na província do Espírito Santo) e 1879 (quando é nomeado Inspetor da Instrução Pública dessa província). Nesse intervalo o bacharel em direito pela Academia de São Paulo fez viagem a Portugal (talvez tenha já partido com o propósito de se inteirar do método de João de Deus, uma vez que na sequência assume o referido cargo da burocracia provincial). É o que sugere uma carta de Pessanha Póvoa ao autor do método: “Eu tenho provado que sou muito amigo e muito grato a Portugal, ao que muitos que ahi deixei e estão. (...) Se vires o João Vianna, o Gomes Leal, o Alfredo Ribeiro, o Theofilo, o Sá Pinto, dá-lhes lembranças. P. Póvoa.” (Carta de Pessanha Póvoa a João de Deus. In: *Correspondência para João de Deus* (MJD). A. P 1-9, manuscrito 167, n. reg. M 1669)

sabes, que na edição para o Brazil dedico ao chefe d'esse estado. Já esta circunstância pedia da parte de teus compatriotas alguma atenção comigo. Ora a isso acresce a singular reputação do Methodo e sendo tu o que é na repartição da Instrução Pública d'essa província e meu amigo, devias-te lembrar de mim e de ti e d'esse público a quem tal Méthodo tanto podia utilizar. Faz tu o que eu faria no teu logar e já te indiquei. Envia um homem de letras ou reconhecidamente competente a tomar conhecimento d'este processo de ensino, que as despesas bem cabem nas forças da província, e depois verás que todos abençoarão a despeza e a missão, sendo o primeiro de todos o próprio enviado que então ficará sabendo verdadeiramente ler (e não só lendo de facto, como tu lês ainda hoje e como eu moço lia antes de compor o Methodo). Fases um bom serviço público. Dei-te d'essas crianças atormentadas pela ignorância empenhada no impossível de dar o que não tem, isto é de ensinar o que não sabe. Por um caminho conforme a razão e a natureza o inocente e o adulto folga no ensino, e aproveitio; pelo caminho por onde te levaram a ti e a mim na leitura e na escrita o mestre é um demónio que nos inspira horror e a embala um verdadeiro inferno. Dahi também os milhões de analphabetos que lá há de ver, como ainda cá. De modo que o amor dos homens e o amor do progresso te convida a este empenho, e estou que em tu querendo facilmente conseguirás a resolução de todas. (Carta de João de Deus a Pessanha Póvoa. Lisboa, 1879. In: Correspondência de João de Deus. A. P 1-2 [MJD], fl. 127^a – M 203)

As ações do poeta, de seus coadjuutores, da Associação de Escolas pelo Método Móveis pelo Método João de Deus, aliado ao interesse pelo método de vários agentes radicados no reino e no além-mar contribuem para que tanto o método quanto a Cartilha fossem disseminados rapidamente para vários territórios de língua portuguesa, irradiação que se deu de múltiplas formas: por intermédio da correspondência entre os homens de letras, pelo noticiário jornalístico, pelo despacho de exemplares da cartilha e, inclusive, pelo envio de professores e divulgadores. Ainda no último quartel do século XIX, com exceção da Oceania, o método e a cartilha de João de Deus estão presentes nos outros quatro continentes do planeta (DEUS, 1881). Apenas em relação aos países de língua portuguesa, o método de ensino de João de Deus – passados poucos anos da primeira edição da Cartilha Maternal – já era utilizado para a aprendizagem da leitura na ilha da Madeira e dos Açores, em São Tomé e Príncipe, na África ocidental (na parte que atualmente corresponde ao território de Angola), em Moçambique, Goa, além do Brasil. Nos territórios que hoje compreendem a república angolana o ensino das línguas nativas seguiu, em parte, uma gramática inspirada na Cartilha Maternal de João de Deus⁹. Escrita pelo poeta africano J. D. Cordeiro da Matta, a Cartilha Racional para se aprender a ler o kimbundu (ou língua angolense), publicada em 1892, baseou-se diretamente na Cartilha Maternal do Dr. João de Deus e, segundo seu autor, “representava o preenchimento de uma lacuna no continente africano no que se refere aos procedimentos mais modernos de ensino da leitura.” (OLIVEIRA, 1982, p. 203) Aparentemente, a descrição feita por Oliveira (1982) a respeito da iniciativa de Cor-

9 Vide: MATTA, Joaquim Dias Cordeiro da. *Cartilha Racional para se aprender a ler o kimbundu (ou língua angolense) escrita segundo a Cartilha Maternal do Dr. João de Deus*. Para mais informações acerca da cartilha de Cordeiro da Matta, ver OLIVEIRA (1982).

deiro da Matta deixa transparecer alguns reflexos acerca da posição angolana no seio do império português, de como a sociedade colonial dialogava com os signos civilizatórios em circulação na passagem do século XIX para o século XX, e igualmente como a posteridade ainda concebia a obra pedagógica de João de Deus (Mário António Fernandes de Oliveira era, em 1982, presidente da Seção de Literatura da Sociedade de Geografia de Lisboa). Em primeiro lugar, Oliveira (1982) avalia que o método de João de Deus era o que de “mais progressivo se registava no momento cultural metropolitano, ao lado da também presença tutelar de Adolfo Coelho.” (Oliveira, 1982, p. 202) Pelo ensaio de Oliveira (1982) pode-se aventar a hipótese de que a *Cartilha Racional para se aprender a ler o kimbundu*, publicada por um intelectual nativo, negro, traduzia para sua realidade as possibilidades que a ele chegavam da metrópole, do prestígio do método de João de Deus e da consequente euforia quanto aos poderes “emancipadores” de que este era depositário.

No mesmo ano da publicação da cartilha de Cordeiro da Matta a Câmara Municipal de Luanda participa a João de Deus sobre a inauguração, na sala da escola central da própria Câmara, de um retrato do poeta, pintado por um “pré-adolescente” da colônia. Embora João de Deus não fosse ateu nem iconoclasta (e tivesse, inclusive, um irmão sacerdote), possuía lá suas reservas quanto ao clericalismo; o impressionante da homenagem é a sub-reptícia vinculação entre o ato e uma espécie de aura sacral (representada não só fisicamente pela presença de eclesiásticos locais, mas pelo ritual de celebração à figura do poeta, pelo estilo da escrita da carta informativa do preito e a leitura recorrente de discursos feitos pelos clérigos presentes à cerimônia) em torno da representação ali veiculada da figura de João de Deus.

“Aos oito dias do mês de Maio do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos e noventa e dois, nesta cidade de Luanda e na sala da escola central da câmara municipal, estando presente o Exmo. sr. vigário geral representando sua Ex.^a. Revdm.^a. o sr. bispo da diocese, os Exmos. srs., Vice-presidente da câmara municipal António Bernardino Pedreira; fiscal António d’Oliveira Neves; vereadores Augusto César Scarlatti Quadrio, Roberto Nunes Burity e Joaquim de Brito Pires; as asiladas de D. Pedro V com a sua professora; alunas da escola municipal do sexo feminino; o professor e alunos da escola do Ingombota; o professores e alunos do Instituto Luso-Africano 15 de Agosto, e grande número de cavalheiros previamente convidados para assistirem à inauguração do retrato de João de Deus, autor da Cartilha Maternal e exímio poeta, cujo retrato foi oferecido e copiado pelo jovem filho desta cidade Júlio Ferreira de Lacerda. O Exmo. sr. vice-presidente abriu a sessão e agradeceu a todas as pessoas presentes por terem honrado este ato com sua presença. Em seguida convidou o Exmo. sr. vigário geral a ajudar a desvendar o retrato, lendo um pequeno, mas conceituoso, discurso alegórico ao ato, rendendo as suas homenagens ao autor da respectiva cartilha e tornando bem patente a grande habilidade do jovem africano. Em seguida o Exmo. sr. vereador Joaquim de Brito Pires leu um brilhante e longo discurso apresentando o preito da sua homenagem ao excelso académico. Os Exmos. srs. administrador do concelho substituto Paula Brito, o jovem Joaquim Ribeiro de Carvalho leram grandes e substanciais discursos análogos ao assunto, felicitando a câmara municipal por esta festa e rogando-lhe

que ela por si e por sua Ex^a. o Governador geral, interceda para que se aproveite a precoce inteligência deste novo e já ilustre africano Júlio de Lacerda; lendo também este um discurso em que agradecia à câmara municipal as homenagens prestadas ao retratado, assentindo assim ao belo acolhimento que deu à sua oferta. Os Exmos. Srs. Luiz Fazenda e Domingos Cardoso pronunciaram discursos análogos. O Exmo. sr. vigário geral, em nome de sua Ex^a. Revdm^a. desta diocese, manifestou o quanto lhe tinha sido simpática esta festa em proveito da civilização e religião. O Exmo. sr. Mamede de Sant'Anna e Palma leu um discurso no mesmo sentido. O Exmo. sr. comendador D. Luiz da Câmara Leme felicitou o Exmo. sr. vereador Joaquim de Brito Pires pelo brilhante resultado que tirou desta festa, de sua proposta. Foram todos os discursos entusiasticamente aplaudidos. E para constar se lavrou este auto que vão todas as pessoas assinar comigo, Joaquim Maria d'Azevedo Franco, escrivão da câmara municipal que o subscrevi." (Correspondência n. 87, Luanda, secretaria da Câmara municipal, 24/05/1892. In: DEUS, 1896, p. 211-212)

Além de Angola, é possível encontrar registros da introdução do método de João de Deus nas ilhas atlânticas (dos Açores e da Madeira). Em 1878, João de Deus noticia uma solicitação vinda do arquipélago dos Açores para a introdução do método no distrito de Angra do Heroísmo.

Já "conhecedor" dos resultados da aplicação do método em outras partes do país e desejando difundir a instrução popular pelas classes pobres da sociedade, o presidente da referida junta roga a João de Deus se este pode ministrar o método a um mestre enviado ao poeta para tal desiderato e, em segundo lugar, interroga-se quanto tempo seria necessário para cumprir-se o mister. (**Correspondência n. 8**, Junta geral do distrito de Angra do Heroísmo, 15/11/1878. In: DEUS, 1896, p. 148)

Presidente da câmara roga a João de Deus que receba o professor de ensino primário Theodoro João Henriques, enviado a Lisboa para aprender o método. (**Correspondência n. 16**, Câmara Municipal do Funchal, 18/01/1879. In: DEUS, 1896, p. 150)

Em relação à divulgação do método no Brasil, o próprio João de Deus recomendou expressamente sua propaganda. Tal recomendação era endereçada aos professores Manuel Portugal e Castro e António Zeferino Cândido, dois indivíduos que, partindo de Portugal, estabeleceram-se em dois pontos estratégicos do império brasileiro, respectivamente Pernambuco e o Rio de Janeiro. Quanto a Manuel Portugal e Castro não encontramos dados substantivos quanto à sua região de origem em Portugal e igualmente quanto à sua trajetória anterior, apenas que já havia exercido o magistério. De qualquer modo, Manuel Portugal e Castro chega ao Brasil em 1879, secundando, pois, os trabalhos que já vinham sendo executados por Zeferino Cândido no Rio de Janeiro. Também não foi possível checar a antiguidade das relações entre Castro e João de Deus, se o primeiro era republicano e sua vinda ao Brasil estava relacionada a alguma estratégia do próprio autor da Cartilha Maternal em conjunto com o Partido Republicano Português com o intuito de fazer proselitismo tanto do método quanto dos ideais republicanos (semelhante às causas que presidiram o deslocamento de Zeferino Cândido); ou, se os laços que os uniam circunscreviam-se tão só à admiração do professor pelo poeta e seu método de ensino. No entanto, a afirmação

de que Castro fora realmente enviado ao outro lado do Atlântico com um fim específico se ancora no conteúdo dos pedidos que faz a João de Deus, como recursos financeiros para a viagem, cartas de recomendação para que seja bem acolhido e material suficiente para que possa dar início à exposição do método, como exemplares da cartilha e os quadros parietais. Não foi possível identificar de maneira exata as nuances relativas à ida de Manuel Portugal e Castro ao Recife, nada obstante, sabe-se que a *Cartilha Maternal* já circulava pela atual região Nordeste do Brasil e certamente tornava-se premente direcionar a aplicação do método conforme um roteiro preestabelecido e/ou imaginado por João de Deus.

No que respeita a António Zeferino Cândido¹⁰, seu envolvimento com o método de João de Deus se atrela a duas razões. A primeira diz respeito à vinculação com o ensino. Antes de se dirigir ao Brasil, onde permaneceria por 23 anos, Zeferino Cândido atuava como professor e diretor do Colégio Acadêmico de Coimbra, demonstrando interesse pelas metodologias de ensino da época. Como vice-presidente da *Associação Liberal*, uma instituição conimbricense que havia se encarregado de fornecer instrução elementar de acordo com o método de João de Deus, Zeferino reafirmava sua disposição em intervir nos problemas educacionais do período. Essa intervenção, aliás, expressava a participação ativa no domínio da instrução de setores da sociedade civil pertencentes à maçonaria e aos adeptos do republicanismo de coloração positivista. O doutor em matemática, a propósito, antes de seu embarque para o Brasil - ocorrido em agosto de 1878 - (MENEZES, 2011, p. 194) filiava-se à corrente positivista, aparecendo esse traço em sua produção intelectual (*Integraes e funcções elípticas*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1875; *Paralaxe solar – métodos da sua determinação*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1877) e à agitação republicana em Portugal, fazendo uso, para tal, da instrução como móvel de propaganda política.

O ingresso de Zeferino no projeto de divulgação do método de João de Deus provinha, pois, da adesão ao positivismo, ao republicanismo e à maçonaria. Em primeiro lugar, ele vislumbrava no método um artefato cultural que consubstanciava um modelo cognitivo consentâneo com o dos primados positivistas de que era adepto; em segundo, o método de João de Deus aparecia como a representação de valores e ideais familiares às hostes republicanas; e, por último, o método também contava com o apoio dos grupos maçons mais progressistas, aos quais ele Zeferino fazia parte, e que já utilizavam a arte de leitura de João de Deus em seus empreendimentos no campo da educação.

Adoro ___?___, sim, o methodo João de Deus, porque estuda a natureza e, se não tive a dita de o descobrir no meu estudo, tomei-o como uma revolução natural, quando o estudei. Aquillo não é o produto artificial d'uma cultura feita nos livros e nos gabinetes; tão ___?___ o último estado d'uma synthese colhida em longa experiência pedagógica. É uma revolução natural, que sendo emanante ___?___ do mun-

10 Zeferino foi primeiro divulgador do método João de Deus no Brasil enviado por João de Deus expressamente com esse propósito. Nasceu na freguesia de Serpins, Concelho de Louzã, em Portugal, em 1848. Formado em filosofia, doutorou-se em matemática em 1875 pela Universidade de Coimbra (UC). Foi professor e diretor do Colégio Acadêmico de Coimbra.

do, pertensesse aos espíritos privilegiados que a luz sublime do génio realça e impõe à nossa admiração.

Dirige ___?___ já, e aonde hade em breve chegar, queiram ou não queiram uns tantos espíritos fracos na cultura, por isso pobres de juízo e ainda mais pobres de moralidade, que, ou julgam que o Pantheon fica fechado porque lá entra um escolhido, ou que não há mais salário para o trabalho, porque se despedem alguns obreiros. É a inveja que chega a denegrir tudo que há de bom na alma humana, e o infernal desejo do ouro que faz dos homens mais talhados para boas obras uns vampiros, uns corvos que metem dó. (*Carta de Antônio Zeferino Cândido para João de Deus*. Coimbra, 30/04/1878. In: *Correspondência para João de Deus (1876-1880)*. A. Y. P 1-41 [MJD], fls. 99-102)

Numa correspondência de 25 junho de 1878 endereçada a João de Deus, Zeferino informa sobre sua partida para o Brasil, escolhendo-se a Corte como destino (MENEZES, 2011, pp. 194-195). João da Costa Terenas, então editor da *Cartilha Maternal* (a partir da 3ª edição), ficaria encarregado de prestar a assistência material que Zeferino precisasse. O primeiro objetivo ao chegar ao Brasil é sugerido na missiva: conseguir uma audiência com D. Pedro II a fim de obter a exclusividade da exploração da *Cartilha Maternal* e de outras obras do poeta em solo brasileiro.

CONCLUSÃO

Dado o protagonismo de António Feliciano de Castilho, tanto na cena literária (pelo menos até meados da década de 1860) quanto no proscênio pedagógico (extensivo, nesse domínio, a alguns lustros após sua morte), a oposição que lhe ofereceu João de Deus (oposição esta reforçada, no último quarto do século XIX pela comunidade especializada e pela imprensa e, posteriormente, pela historiografia do campo educacional), contribuiu substancialmente para a maior projeção que, afinal, João de Deus angariou no âmbito da sociedade letrada portuguesa. Indubitavelmente que a fama já conquistada com seus poemas, a intensa propaganda de seu método, o apoio que recebeu de literatos, comerciantes e políticos, a ação organizada das Escolas-móveis – obra continuada por seu filho João de Deus Ramos –, o ingrediente não menos importante representado pelas polêmicas travadas na imprensa nos primeiros anos de vida da *Cartilha Maternal* (que *a priori* derivavam da reputação já conquistada pelo *método*, mas que, simultaneamente, alimentou-a ainda mais), todos esses fatores concorreram para a notoriedade obtida pelo método de João de Deus não apenas no reino, mas também no ultramar. Nada obstante, não houvesse a contrapartida de Castilho, a internalização tão abrangente alcançada dentre as diversas camadas sociais lusitanas pelo *Método português*, espécie de parâmetro a ser superado (mesmo que João de Deus houve por querer negar-lhe esse *status*) e a virulência da propaganda e defesa de seu próprio método não teriam, cremos, atingido os níveis comprovados pela memória que ele próprio deixou do périplo de sua arte de leitura. O que, no entanto, não suprime ou diminui a vocação do método que criara para dialogar francamente com as

condições materiais de existência da população portuguesa, ao fornecer novos elementos com que inteligir o momento histórico em que se encontrava Portugal.

A respeito da difusão do método e da cartilha Maternal no além-mar, o envio de divulgadores, especialmente para o Brasil, constituiu um dos capítulos de um empreendimento ao mesmo tempo pedagógico, cultural e político, mas também mercantil. Para a América do Sul vieram Manuel de Portugal e Castro, instalando-se na província de Pernambuco, e António Zeferino Cândido, fixando-se na Corte, porém, realizando igualmente turnês de demonstração do método nas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. De muitas maneiras, Zeferino tomou parte na vida intelectual brasileira e terminou por tecer emaranhadas redes de sociabilidade que o conectou com vários setores da *intelligentsia* do país, conjugando assim as tarefas das elites intelectuais de ambos os países a fim de encaminhar uma solução para a dicotomia decadência/atraso. Mesmo residindo no Brasil por mais de vinte anos (retornou a Portugal em 1901) (MENEZES, 2011), ele não se afastou dos debates e preocupações que animavam a elite cultural portuguesa de finais do século XIX. Como muitos dos intelectuais do período, nos seus escritos visualizava-se um indivíduo eivado de um sentimento profundo de nacionalismo, de busca daquilo que seria a razão de ser da individualidade nacional lusitana, ressoando daí um certo sentimento coletivo de angústia e de confusa consciência de decadência que grassava em seu país. Em razão dessa compreensão dos problemas nacionais, as articulações entabuladas, sua produção intelectual e a trama de sua rede de sociabilidade em Portugal e no Brasil permitiram a ele que reenquadrasse os debates acerca do tema da decadência realizados pela *Geração de 70* de seu país, na acepção de uma preocupação com a defasagem de sua terra natal em relação aos países mais adiantados da Europa. Exemplo disso é que chegado ao Brasil para auxiliar na propagação do método de leitura criado pelo poeta João de Deus não se atém apenas a tal desiderato, abrindo então escolas, escrevendo em jornais e revistas, participando de instituições literárias e científicas, criando até firmas comerciais. Positivista e republicano, procura em solo brasileiro orientar sua práxis social e política segundo as premissas inerentes a tal plataforma ideológica e a crença no potencial regenerador do método é uma manifestação emblemática dessa orientação. Nesse sentido, ultrapassou em muito a condição inicial de divulgador do método de João de Deus. Embora tenha permanecido ardoroso propugnador da utilização da arte de leitura deste último, suas atividades no Brasil foram se multiplicando através dos anos. Também não ficou restrito somente à propaganda republicana, a qual, em íntima congruência com a difusão do método e da Cartilha, teria sido em princípio o motivo para deixar a terra natal e se aventurar na outra borda do Atlântico. Integrou essas duas perspectivas a uma potente reflexão a propósito das representações de modernidade para Portugal e Brasil, buscando alternativas por meio da construção de um espaço atlântico que lograsse a concretização dos ideais de uma comunidade luso-brasileira.

REFERÊNCIAS

BERRINI, B. **Brasil e Portugal: a Geração de 70**. Porto: Campo das Letras Editores S.A., 2003.

BOTO, C. **Ler, escrever, contar e se comportar: a escola primária como rito do século XIX português (1820-1910)**. 2 vols. Doutorado (Tese em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

BRAGA, T. Escorço biográfico. In: **Festival João de Deus**, 1905.

CATROGA, F. Os caminhos polémicos da **geração nova**. In: MATTOSO, J. (dir.). **História de Portugal**, v. 5 – O Liberalismo. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 569-81.

COELHO, T. Prefácio. In: DEUS, João de. **A Cartilha Maternal e a Crítica**. Lisboa: Antiga Casa Bertrand – José Bastos, 1897.

Correspondência de João de Deus (1876-1880). A. P 1-2 [MJD], fl. 127^a – M 203.

Correspondência para João de Deus (1876-1880). A. Y. P 1-41 [MJD], fls. 99-102.

COSTA, A. M. da. O pensamento político e social de Antero de Quental, a partir da leitura de Joel Serrão. **Revista Estudos Filosóficos**, n. 12, p. 58-69, 2014.

DEUS, J. de. **Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**, publicada pelo seu amigo Cândido J. Aires de Madureira, Abade de Arcozelo. Porto: Livraria Universal e Moniz, 1876.

_____. **A Cartilha Maternal e a Imprensa**. Lisboa: Tipografia das horas românticas, 1877.

_____. **Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**. 3^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878.

_____. **A Cartilha Maternal e o Apostolado**. Lisboa: Viúva Bertrand & Cia. – Sucessores Carvalho & Cia, 1881b.

_____. **Os Deveres dos Filhos**. Trad. de João de Deus, 10^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1889.

_____. **Campo de Flores**. Coletânea de poesias de João de Deus coordenada por Teófilo Braga. Lisboa, Imprensa Nacional, 1893.

_____. **Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**. Compreendendo o Resumo da Correspondência Oficial relativa ao Methodo, desde agosto de 1877 até Dezembro de 1893. 13^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1896.

_____. **A Cartilha Maternal e a Crítica**. Lisboa, Antiga Casa Bertrand – José Bastos, 1897.

GOMES, J. F. **A educação infantil em Portugal: achegas para a sua história**. Coimbra: Livraria Almedina, 1977.

FERNANDES, R. **O pensamento pedagógico em Portugal**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa / Secretaria de Estado da Cultura, 1978.

HILSDORF, M. L. S. **Francisco Rangel Pestana**: jornalista, político, educador. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

MAGALHÃES, V. de. João de Deus. In: **Festival João de Deus**, 1905.

MEDINA, J. A Geração de 70: uma síntese provisória. Lisboa, **Revista Colóquio/Letras**, n. 28, p. 25-33, nov. 1975.

MENEZES, R. C. D. de. **Reverberações do debate decadência/atraso em Portugal e no Brasil em fins dos Oitocentos**: histórias conectadas. 2011. 257p. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011.

MOREIRA, F. A. A Geração de 70: notas para a história de um conceito. **Labirintos**. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos Portugueses da Universidade Estadual de Feira de Santana (Brasil), 2 (2007): 1-19.

MORTATTI, M. do R. L. **Os sentidos da alfabetização (São Paulo/1876-1994)**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

MOTA, M. A. R. **Brasil e Portugal**: imagens de nação na **Geração de 70** do século XIX. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

_____. Representações identitárias, história e romance: apontamentos sobre a Geração de 1970 no Brasil e em Portugal. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v.34, n. 49, p 14-45, jan.-jun. 2023.

OLIVEIRA, M. A. F. de. Um João de Deus angolano. **Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa**, Lisboa, 1982, p. 201-211.

Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano X, Coimbra, 1976.

SÁ, V. de. **Esboço histórico das ciências sociais em Portugal**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.

SARAIVA, A. J. **A tertúlia ocidental**. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 1995.